



URUGUAI

Ex-presidente esquerdista chega ao segundo turno da eleição como o principal estrategista do candidato Yamandú Orsi, da Frente Ampla. Amigos e professor catarinense falam sobre os encontros com o político e destacam a faceta humana de "Pepe"

Uma força de nome Mujica

» RODRIGO CRAVEIRO

"Estou lutando contra a morte. Estou no fim da partida, absolutamente convencido e consciente", afirmou José "Pepe" Mujica, 89 anos, durante comício de encerramento da campanha de Yamandú Orsi, candidato a presidente pelo partido Frente Ampla e seu afilhado político, em 19 de outubro. Sob as bênçãos do líder esquerdista que comandou o Uruguai entre 2010 e 2015, Orsi chega ao segundo turno, hoje, com chances reais de ocupar o principal posto do país, no gabinete da Torre Ejecutiva, em Montevideo. "Sou um velho que está muito perto de empreender a retirada para o local de onde não se volta. Sou feliz. Quando meus braços se forem, haverá milhares de outros braços substituindo a luta", acrescentou Mujica, naquele evento.

Com a saúde debilitada — depois de travar uma batalha contra o câncer de esôfago —, o ex-líder e fundador da guerrilha Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros (MLN) ainda mobiliza massas, graças ao carisma, à humildade e a frases de impacto que atacam a desigualdade social. "Temos que sair deste poço", clamou Mujica, em um spot publicitário de campanha, no qual, sem sua dentadura e muito abatido, reiterou que estava se "despedindo da vida".

Mujica adotou um protagonismo ainda mais evidente na reta final da corrida eleitoral. Atacou o governo de centro-direita do presidente Luis Lacalle Pou, defendeu a agricultura familiar e pregou um maior fortalecimento do papel do Estado na garantia da justiça social. Também discorreu sobre o sentido da vida, além de condenar o "consumo abominável". As mais recentes pesquisas apontam que Yamandú Orsi tem 47% das intenções de votos contra 46% para o governista Álvaro Delgado.

Depois de ser apelidado de "o presidente mais pobre do mundo", Mujica

Thiago Koche



Com o ex-ministro Olívio Dutra (E) e Atahualpa Blanchet em 2019



Ele vive em estado permanente de pensamento. Pepe se contradiz para buscar respostas"

Fabián Restivo, jornalista e amigo

explicou que sua austeridade e a vida simples são reflexos dos 14 anos que passou na prisão, entre 1971 e 1985. Na última terça-feira, esbanjou autenticidade, ao receber fortes aplausos em um clube de Montevideo. "Eu sei que o que estou dizendo soa mal e dói. Azar. Com quase 90 anos, ganhei o direito de dizer sinceramente o que penso", declarou.

Hóspede

Durante 10 dias, em maio de 2022, o jornalista, documentarista e fotógrafo argentino Fabián Restivo ficou imerso na rotina de Mujica, com quem desenvolveu uma amizade sólida ao longo de vários anos. Enquanto hóspede do Rincón del Cerro, sítio onde o ex-presidente vive com a esposa, Lucía Topolanski, a 30km de Montevideo, ele pôde falar

Gonzalo Pardo



Fabián Restivo visita Mujica no sítio: amizade que rendeu livro e documentário

Adriano Medeiros



Adriano (D) com Mujica (C): aventura em Rincón del Cerro



O que me chamou a atenção foi olhar compenetrado, meio intimidador até"

Adriano Medeiros Marcirio, professor

sobre vários assuntos com o líder de esquerda e reunir material para o documentário *Conversas com Pepe Mujica* — um segundo projeto, que sucedeu o livro *Palavras para depois: conversas com Pepe Mujica*.

Em entrevista ao *Correio*, Fabián, que assumirá a presidência da Fundación Pepe Mujica, qualificou como "enorme" o legado do amigo. "É quase ecumênico", reconheceu. "O meu desespero dele é o de que a esquerda continental compreenda o seu pensamento." Mujica lhe confidenciou que, apesar de ser alvo de homenagens em todo o mundo, percebe que ninguém executa os seus pensamentos. Segundo Fabián, Mujica é o que todos veem. "Algumas pessoas acham que ele encarna um personagem. Não, ele é assim mesmo. Trata-se de uma pessoa que viveu muito e que vive em um

estado permanente de pensamento. Pepe se contradiz para procurar respostas e, de repente, acha as próprias respostas. Então, ele as confronta consigo mesmo. É uma pessoa que não somente pensou, mas também agiu conforme o seu pensamento", comentou.

A ideia de Fabián de fazer o livro e o documentário partiu uma sugestão de um amigo em comum dele e de Mujica, o ex-deputado Daniel Placeres. Os 10 dias no sítio do ex-presidente renderam quase 70 horas de áudio. "Procurei retratar o pensamento universal dele: vai desde a coisa mais pequena — a qual ele acha que é a própria vida — até o raciocínio mais geral e de fácil compreensão."

Nascido em Porto Alegre e filho de uruguaios, Atahualpa Blanchet, 42, mora em Montevideo desde 2018. "Minha função é construir uma ponte entre

brasileiros e uruguaios. Fizemos uma série de atividades sobre o Mercosul na casa de Pepe Mujica e encontros com ele em outros espaços, inclusive, com a presença de lideranças políticas brasileiras, como o ex-ministro das Cidades Olivio Dutra e o ex-governador Tarso Genro. Também estivemos na visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à casa do Pepe", contou ao *Correio* o pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). "Pepe é muito aberto e acessível, recebe as pessoas de braços abertos. É um exemplo de comportamento, coerência, retidão e simplicidade. Ao mesmo tempo, de consistência e profundidade."

Para Atahualpa, Mujica é uma referência. "Ele é uma maneira de viver, de constituir a vida para além das variáveis que envolvem o materialismo. Buscar, na prática, que o ser prepondere sobre o ter. Em certa medida, isso tem nos influenciado, também, na forma de viver e de enxergar os processos. Buscamos internalizar os ensinamentos dele."

De Fusca

Natural de Urussanga (SC), o professor, ator e músico Adriano Medeiros Marcirio, 31, sempre teve admiração por Mujica. Em 22 de maio de 2019, dois dias depois do 84º aniversário do ex-presidente, ele e dois amigos brasileiros estacionaram o Fusca azul em frente ao portão do sítio em Rincón del Cerro. A decisão sobre a visita tinha sido tomada em Montevideo. "Saímos de Fusca de Florianópolis com a ideia de ir até o Alasca, passando pelo Ushuaia. Quando chegamos à capital uruguia, resolvemos visitar o Mujica. Não sabíamos exatamente onde ele morava. Formos até o Museu da República e conversamos com um dos seguranças. Ele nos contou que tinha uma amizade antiga com Mujica, desde a época em que foram presos, juntos. Aí, ele nos mostrou, no GPS do celular, o local da chácara. A gente simplesmente entrou no Fusca e foi para lá", contou ao *Correio*.

Ao chegarem até o sítio, os três também foram recebidos por um segurança. "Contamos que viemos do Brasil e que gostaríamos muito de conhecer o Pepe e de conhecer o Fusquinha dele. Esse era um ponto em comum que sabíamos que ele gostaria", relatou Adriano. "O vigilante voltou para a guarita e ficamos meia hora, na frente do Fusca, à espera. Depois desse tempo, ele pediu que estacionássemos o Fusca e aguardássemos Mujica. Entrei na guarita e Pepe estava ali o tempo todo, sentado em uma cadeirinha, 'bolando' um cigarro de tabaco. Ele estendeu a mão e pediu que ficássemos à vontade. Foi impactante dar de cara com uma figura tão forte como o Pepe."

Ao saber dos planos de viagem do trio, Mujica brincou: "Os brasileiros são loucos, mesmo". Com o comentário, quebrou o gelo. Vieram perguntas sobre o Fusca, o motor e as peças trocadas. "Foi um papo descontraído. Ele nos ofereceu mate e cigarro. Todo o tempo muito calmo e mostrando interesse na conversa." Para Adriano, o mais impactante foi sentir o "estado de presença" de Mujica. "Foi um privilégio absorver um pouco dos ensinamentos dele. O que me chamou a atenção foi o olhar compenetrado, meio intimidador, até. É uma figura genial."

ORIENTE MÉDIO

Ataque israelense mata mais de 50 no Líbano

Um bombardeio israelense que tinha como alvo um expoente do grupo libanês Hezbollah deixou 15 civis mortos, ontem, no centro de Beirute. Bombas também atingiram redutos do movimento xiita pró-iraniano no leste e no sul do Líbano e mataram pelo menos outras 38 pessoas, no início do terceiro mês do conflito.

De acordo com uma fonte de segurança libanesa, o objetivo da ofensiva no bairro de Basta, no centro da capital, era um alto comandante do grupo. No entanto, o deputado Amin Sherri, do Hezbollah, negou que qualquer dirigente do movimento estivesse no local.

As três fortes explosões em Basta ocorreram nas primeiras horas da manhã de ontem. As bombas destruíram um prédio residencial no bairro densamente povoado. Socorristas passaram o

dia em busca de vítimas sob os escombros. Mais de 60 pessoas ficaram feridas.

"É a primeira vez que acordo gritando de terror", disse à agência de notícias France Presse (AFP) Salah, pai de dois filhos, relatando que saiu correndo do apartamento em que mora com a família. "O bombardeio foi tão forte que pensei que o edifício fosse desabar sobre nós", contou Samir, 60 anos.

Bombas também foram lançadas em subúrbios ao sul de Beirute, reduto do Hezbollah. O Exército israelense afirmou que seus alvos nessa região foram "centros de comando do Hezbollah e outras infraestruturas terroristas".

As forças israelenses realizaram ainda ofensivas no leste e no sul do país. A Agência Nacional de Notícias libanesa (NNA, na sigla em inglês) reportou que tropas de Israel tentavam "tomar o

AFP



Uma densa coluna de fumaça sobe durante bombardeio no centro de Beirute

controle" de Al-Jiam, cidade do sul próxima à fronteira, em meio a intensos confrontos com o Hezbollah.

A incursão israelense no Líbano começou depois que o movimento islamista abriu uma frente ao país vizinho, em

8 de outubro de 2023, no dia seguinte ao início da guerra em Gaza, em apoio ao Hamas. A situação se agravou em 23 de setembro passado.

Após quase um ano de hostilidades, Israel lançou uma campanha de

bombardeios contra redutos do Hezbollah e uma semana depois iniciou operações terrestres no sul do território libanês.

O objetivo da operação, segundo o governo do premiê Benjamin Netanyahu, é afastar o movimento xiita das áreas fronteiriças e permitir o retorno dos 60 mil deslocados do norte de Israel devido às trocas de tiros com o Hezbollah, que também provocaram a fuga de dezenas de milhares de habitantes do sul do Líbano. Mais de 3.650 pessoas morreram no Líbano em mais de um ano, a maioria nos últimos dois meses, segundo o Ministério da Saúde.

Diplomacia

Em meio aos embates de ontem, o chefe do Pentágono, Lloyd Austin, declarou, em um telefonema com seu colega israelense, Israel Katz, que os Estados Unidos estão comprometidos com uma solução diplomática no Líbano. O ministro israelense assegurou que seu país "continuará atuando com determinação" contra o Hezbollah.

Austin também instou o governo Netanyahu a melhorar as "terríveis" condições na Faixa de Gaza.